

NARRATIVAS DA MEMÓRIA: CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL INDÍGENA PARA O DESENVOLVIMENTO DAS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Thamiris Nascimento de Oliveira¹; Julia Kézia de Castro Bezerra²; Anna Catarine Amaral³; Tânia Serra Azul Machado Bezerra⁴

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, Fortaleza, Ceará, Brasil, thamiris.oliveira@aluno.uece.br

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, Fortaleza, Ceará, Brasil, julia.bezerra@aluno.uece.br;

³ Professora da Rede Municipal de Fortaleza/CE, Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC, annaamaral583@gmail.com

⁴ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC, Professora Adjunta da Universidade Estadual do Ceará – UECE, tania.azul@uece.br

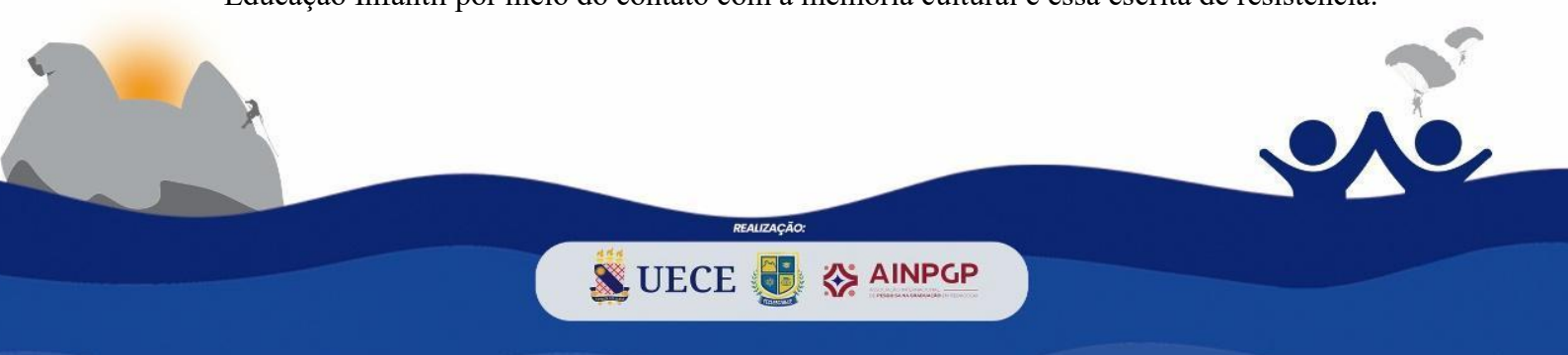
Introdução

Desde 1500, tendo por marco a chegada de embarcações portuguesas ao Brasil e a primícia do processo de invasão de nossas terras, a história hegemônica eurocêntrica que nos foi ensinada retrata o “índio” como canibal, dispensável, preguiçoso e selvagem. Esse discurso colonizador tornou-se justificativa ideológica para a conquista, exploração e dominação dos povos nativos. Essa visão estigmatizada dos indígenas permanece no imaginário do senso comum e “[...] tem 500 anos que os índios estão resistindo” (Krenak, 2019, p.17): às violações de direitos, a invasão territorial, a exclusão social e, sobretudo, as tentativas falhas de apagamento cultural. Manter a cultura e a memória ancestral vivas é a garantia de sobrevivência. Para garantir isso, uma forma de preservar essa herança é por meio da literatura, capaz de perpetuar as tradições.

Além da preservação dos saberes e identidades das populações originárias, a literatura infantil indígena, quando desenvolvida na Educação Infantil, transforma-se em uma prática de leitura e escrita significativas que contribuem para a familiarização das crianças com o uso social da língua e favorece a entrada no processo de alfabetização e letramento. Segundo Magda Soares (2020, p.27), “[...] a criança aprende a ler e a escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita”.

Com base na experiência vivida por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculados ao subprojeto de alfabetização do Centro de Educação (CED) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), este estudo propõe-se responder seguinte questão: como a literatura infantil indígena pode contribuir para o desenvolvimento das práticas de leitura e escrita de crianças não indígenas na Educação Infantil?

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo compreender as contribuições da literatura infantil para o desenvolvimento das práticas de leitura e escrita de crianças não indígenas na Educação Infantil por meio do contato com a memória cultural e essa escrita de resistência.



Metodologia

Diante a necessidade de compreender as contribuições da literatura infantil indígena no processo de leitura e escrita das crianças não indígenas na Educação Infantil, esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, já que os estudos nessa área investigam o “[...] mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível [...] em equações, médias e estatísticas” (Minayo, 2002, p.22). Para mais, por descrever e analisar uma vivência prática do PIBID, este trabalho também caracteriza-se como um relato de experiência. Cabe ressaltar que entendemos o conceito de experiência como uma vivência responsável por gerar reflexões e busca de melhorias de uma prática (Fávero; Doro, 2018).

Desenvolvida no âmbito do PIBID de alfabetização CED/UECE, nosso campo de pesquisa foi em uma escola municipal situada na Regional XI de Fortaleza, Ceará, que contempla Educação Infantil e Anos Iniciais. Ainda, contamos com a participação, em torno, de 10 crianças matriculadas no Infantil V (5 e 6 anos de idade). Além disso, selecionamos como métodos investigativos nossas observações, diários de campo, registros fotográficos, planos de aula e as produções autorais das crianças.

Para análise do relato crítico-reflexivo sobre práticas de leitura e escrita mediadas a partir da literatura infantil indígena, construímos um diálogo com Ferreiro (2011), Munduruku (2017) e Soares (2020).

Resultado e Discussões

Para as sociedades indígenas, a literatura representa o conjunto de narrativas da memória que estabelecem um vínculo com a nossa ancestralidade. Consideramos que as produções literárias expressam-se mediante múltiplas linguagens, “[...] a literatura – escrita, falada, dançada, cantada – passa a ser um referencial para a Memória, que pretende informar a sociedade brasileira sobre sua diversidade cultural e linguística” (Munduruku, 2017, p.122).

Com base nisso, realizamos uma oficina organizada em três momentos interligados: uma roda de conversa sobre cultura e tradição dos povos indígenas; uma apresentação do curta-metragem “Mundo Munduruku”; e a produção de artes autorais utilizando tintas feitas com elementos naturais (açafraão e colorau). A regência contou, em média, com a participação de 10 crianças, com idades entre 5 e 6 anos, matriculadas na Educação Infantil de uma escola beneficiada pelo PIBID de alfabetização.

No primeiro momento, durante a roda de conversa, iniciamos um diálogo com as crianças por meio de fotografias impressas que remetiam à cultura dos povos indígenas, como as moradias tradicionais, grafismos corporais, instrumentos musicais e escritores indígenas, e construímos relações de semelhança com o nosso cotidiano.

A atividade teve início com a exibição da imagem de uma criança indígena durante a pintura facial com tinta feita de urucum. Em seguida, perguntamos para as crianças quem era a pessoa retratada. Imediatamente, uma delas respondeu: “É um índio, tia. Tem um lá perto de casa, eu já vi”. Posteriormente, outra criança acrescentou: “Não é índio, é indígena. Vi no desenho que eles vivem em florestas, vilas e tocam maracás”. A partir desse diálogo inicial, conversamos a respeito da diferença entre os dois termos: índios e indígenas. O primeiro termo é uma palavra

repleta de preconceito, racismo, colonialismo, etnocentrismo e eurocentrismo. Por outro lado, o segundo representa pertencimento e valorização da diversidade e ancestralidade. De acordo com Daniel Munduruku (2017, p.16-18),

[...] os ‘índios’ foram, na verdade, uma invenção dos colonizadores a fim de reduzi-los e escravizá-los. [...] Ao reduzi-los, dominaram; ao dominá-los, enfraqueceram valentes civilizações. Tudo isso contido em uma única palavra: índio. [...] De hoje em diante, que fique combinado que não haverá mais ‘índio’ no Brasil. Fica acertado que os chamaremos ‘indígenas’, que significa ‘nativo’, ‘originário de um lugar’. (Munduruku, 2017, p.16-18, aspas do autor).

Na sequência, apresentamos os maracás e os caxixis, instrumentos indígenas que despertaram a curiosidade das crianças devido a sonoridade das palavras. Também, questionamos como as mesmas acreditavam ser as vestimentas e, prontamente, uma criança comentou: “Os indígenas andam nus, sem roupa. E calçam garrafas pet nos pés”. Contudo, corrigiu-se e afirmou que as mulheres usavam roupas de palha, enquanto os homens utilizavam panos para cobrir o corpo. Os comentários denunciaram uma visão estereotipada e repleta de marcas da colonialidade.

Em dado momento, as crianças nos perguntaram se os indígenas eram seres humanos e, diante desse apontamento, exibimos imagens de quatro escritores indígenas: Ailton Krenak, Auritha Tabajara, Cláudia A. Flor D’Maria e Daniel Munduruku. Nessa situação, destacamos que são seres humanos como nós, com culturas e modos de vida próprios. Apesar de haver grupos que optem por viver na floresta, outros residem em aldeias próximas a centros urbanos ou mesmo em áreas urbanas. Por meio dessas interações, notamos que as crianças dispõem de uma visão eurocêntrica e, em consonância com Munduruku (2017, p.71), compreendemos que

[...] essa cena é bastante comum simplesmente por haver uma imagem que foi sendo talhada na alma do brasileiro a respeito do ‘índio’ e que foi ganhando terreno em razão das muitas distorções históricas que nos foram ensinadas na escola. Foi-nos contada uma história a partir das óptica do colonizador, conforme já falamos (Munduruku, 2017, p.71, aspas do autor).

Na ocasião posterior, ao discutirmos sobre moradias, as crianças afirmaram serem construções de palhas que localizam-se em florestas. Então, apresentamos as ocas (habitações tradicionais) e foi destacado que, embora diversos povos indígenas ainda construam esse tipo de habitação com recursos naturais, outros residem em casas, apartamentos e condomínios também. No que se refere à alimentação, as crianças manifestaram possuir familiaridade com alguns alimentos de origem indígena ao reconhecerem tapioca, pamonha, mungunzá, bolo de milho e fubá.

Durante a roda de conversa, à medida que apresentamos as fotografias impressas, priorizamos a escuta das crianças, acompanhadas de explicações contextualizadas e vinculadas à realidade cotidiana da turma.

Encerrada essa etapa da ação pedagógica, assistimos o curta-metragem “Mundo Munduruku”, que retrata as aventuras do Curumim (termo de origem tupi que significa “criança”) Daniel na floresta. A narrativa baseia-se em histórias autorais do escritor indígena Daniel Munduruku, e apresenta como personagens secundários La Divina (arara), Belo (macaco) e Anga (filhote de capivara), amigos do protagonista. A escolha dessa animação justifica-se devido à construção



da narrativa e à definição dos personagens, que ilustram a relação indissociável entre os povos indígenas e a natureza, afinal, como bem aponta Krenak (2019, p.14) “[...] Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza”.

Os conhecimentos ancestrais, ou memórias, são transmitidos por meio da tradição oral, e têm como guardiões os membros mais velhos da comunidade. Apesar disso, para manter-se vivas, a cultura e a memória tendem a acompanhar as novas tecnologias elaboradas pelo ser humano, inclusive a escrita e, por sua vez, a literatura. Segundo Daniel Munduruku (2022, p.121-122),

A literatura passou a ser um instrumento de **atualização da Memória**, que sempre utilizou a oralidade como equipamento preferencial para a transmissão dos saberes tradicionais. Na compreensão que temos desenvolvido, esse instrumento engloba muito mais que o texto escrito, ele abrange diversas manifestações culturais, como a dança, o canto, o grafismo, as preces e as narrativas tradicionais (Munduruku, 2022, p.121-122).

O curta audiovisual iniciou com a animação do globo terrestre e, imediatamente, uma criança exclamou: “É o planeta Terra, tia”. Em seguida, outra criança observou com admiração: “Uau, eu nunca vi o planeta Terra”. Ao final do curta-metragem, buscamos entender a compreensão das crianças sobre o conteúdo e, majoritariamente, responderam que o vídeo contou a história de um menino indígena que conversa e interage com os animais da floresta. Ainda em diálogo com Krenak (2019, p.14), consideramos essencial as crianças terem conhecimento que somos parte da natureza para, dessa forma, respeitá-la. O autor relata que

‘Li uma história de um pesquisador europeu do começo do século XX que estava nos Estados Unidos e chegou a um território dos Hopi. Ele tinha pedido que alguém daquela aldeia facilitasse o encontro dele com uma anciã que ele queria entrevistar. Quando foi encontrá-la, ela estava parada perto de uma rocha. O pesquisador ficou esperando, até que falou: ‘Ela não vai conversar comigo, não?’. Ao que seu facilitador respondeu: ‘Ela está conversando com a irmã dela’. ‘Mas é uma pedra.’ E o camarada disse: ‘Qual é o problema?’ (Krenak, 2017, p.14, aspas do autor).

Durante a apresentação do curta audiovisual, notamos que as crianças identificaram elementos presentes na cultura indígena que havíamos dialogado na roda de conversa, como as ocas e os cocares. Isso nos indica que essa ação pedagógica possibilitou um maior “[...] reconhecimento das contribuições da ancestralidade pelas crianças, especialmente em contextos escolares marcados pela diversidade cultural” (Filho et al, 2025, p.11).

Como atividade final da regência, as crianças produziram tintas naturais usando o açafrão e o colorau, ingredientes presentes nas práticas tradicionais indígenas. Por meio de desenhos e da escrita espontânea, as crianças desenvolveram obras autorais com representação de momentos significativos da ação pedagógica. Ao analisar a escrita das crianças, observamos as hipóteses elaboradas por elas sobre a lógica da apropriação da escrita. Conforme aponta Ferreira (2011), no cenário escolar, o processo de aquisição da língua escrita transpassa por quatro níveis, tais como o pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

Observamos registros escritos em níveis iniciais, predominantemente pré-silábicos, natural na Educação Infantil, etapa onde ocorre o início do processo de construção da escrita. Para mais, notamos que as crianças conseguem diferenciar letras de números, reconhecem letras dos seus nomes e demonstram interesse pela escrita de forma espontânea.

Figura 1: Produções autorais de crianças do Infantil V



Fonte: Elaboração das autoras (2026)

Conclusões

A partir da investigação proposta neste trabalho, evidenciamos que a literatura infantil indígena contribui com o desenvolvimento de práticas de leitura e escrita entre as crianças não indígenas na Educação Infantil. Essas produções literárias preocupam-se com as crianças que compõem o grupo de leitores em formação, colaborando com ações futuras que nos ajudarão a minimizar (ou até extinguir) o etnocentrismo e preconceito presentes nas narrativas históricas impostas ao decorrer do processo colonial no Brasil. Por fim, além de fomentar uma educação antirracista, a literatura infantil indígena proporciona a imersão das crianças não indígenas no universo da leitura e da escrita, estabelecendo a conexão entre cultura e memória ancestral.

Palavras-chave: Ancestralidade. Educação Infantil. Literatura Infantil Indígena. Práticas de Leitura e Escrita. PIBID.

Referências bibliográficas

FILHO, Marcelo Macedo De Sousa et al.. Contribuições da literatura infantil indígena e da ancestralidade no processo de alfabetização: reflexões de pibidianos. **Anais XI Congresso Nacional de Educação**. Campina Grande: Realize Editora, 2025. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/135817>>. Acesso em: 01 abril 2026.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social : teoria, método e criatividade**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando 2: roda de conversa com educadores sobre vivências, piolhos e afetos**. São Paulo: Uka Editorial, 2017.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**. Bahia, v. 17, n. 48, p. 60–77, out./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/9010/6134>. Acesso em: 20 mar. 2026.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Editora Contexto, 2020.